

## A MAIS VALIA DA CANA-ENERGIA

**Roberto Rodrigues\***

O recente aumento dos preços dos combustíveis fósseis não foi suficiente para resolver os problemas de caixa da Petrobras nem deu melhores condições ao etanol.

Economistas de peso tem mostrado a grande vantagem de resgatar a CIDE sobre a gasolina. Em primeiro lugar, é uma taxa que já existe, que foi zerada no primeiro mandato da Presidente Rousseff e apenas parcialmente recuperada em março deste ano. Portanto, não necessita ser aprovada ou votada no Congresso Nacional. Isso daria competitividade ao etanol, mostrando que o Brasil não teria jogado fora o maior, mais importante e mais admirado programa global de alternativa energética (renovável e ambientalmente superior) desde a crise do petróleo em 1974/75. Por outro lado, seria uma injeção direta de recursos no Tesouro, sem a oposição que existe em torno da volta da CPMF. Por fim, seria o reconhecimento das externalidades do etanol para a saúde pública e o meio ambiente, cantadas e decantadas em todo o mundo. E ainda salvaria um setor gerador de empregos e economizador de divisas.

Não existe nenhuma explicação plausível para esta teimosia do governo em não aumentar a CIDE. Nem mesmo o eventual aumento da inflação, sempre levantado, serve como argumento, de acordo com o que dizem respeitados analistas.

Independente dessa questão, entretanto, o setor sucroenergético, que vem naufragando desde que o governo segurou os preços da gasolina para impedir a inflação nos 4 anos passados, precisa investir em avanços tecnológicos para encontrar outras formas de sobrevivência e progresso. E já existem muitas inovações, tanto na área agrícola quanto na industrial. Novos equipamentos de plantio e colheita são aperfeiçoados para evitar perdas ou má brotação das soqueiras, entram no mercado fórmulas especiais de adubação com nutrientes mais bem calibrados, estudos são desenvolvidos para obter o melhor espaçamento entre ruas de cana e perfilhamento das plantas, e assim por diante.

Mas uma das mais extraordinárias novidades é a chamada “cana-energia”. Acontece que, contrariamente a diversas culturas - soja, milho, algodão, entre outras - cujas novas variedades são sistemática e rapidamente desenvolvidas com maior produtividade e adaptabilidade às áreas de cultivo, a produtividade da cana de açúcar, que teve grandes avanços nos anos 70 do século passado, estagnou na última década. Está difícil superar a média de 85/90 toneladas por hectare em 4 ou 5 cortes.

Pois a cana energia surge como uma resposta impressionante a esta necessidade. Com maior participação da S. Spontaneum nos cruzamentos com a S. Officinarum, ela facilmente supera as 100 toneladas por hectare. Além disso, a cana energia tem um sistema radicular muito mais forte do que as variedades hoje cultivadas, de modo que tem muito maior brotação das socas, o que lhe dá

uma vida útil mais longa e melhor resistência a secas eventuais. Isso também permite seu cultivo em regiões com menor pluviosidade que aquelas atualmente utilizadas em canaviais. E tem mais: com a cogeração de eletricidade a partir da biomassa de bagaço e palha, a cana energia se torna uma alternativa agrícola muito melhor, notadamente com o avanço do etanol de segunda geração. Com seu uso, as atuais usinas de açúcar e álcool se transformarão em biorefinarias modernas e competitivas, produzindo uma gama de novos produtos de maior valor agregado.

CIDE e cana energia, eis o binômio para a recuperação do setor sucroenergético: uma política pública e uma ação técnico-empresarial.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**